

DAS MISSÕES
Jesuítas & Guaranis

Livro 107

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



HUMANOS E HÍBRIDOS

Observa-se uma dissociação entre o avanço acelerado do saber tecnológico ilimitado com o ritmo da educação humanista. Tal fenômeno não tem paralelo. Promove-se uma dissociação ainda não totalmente avaliada em seus prejuízos, o principal deles é a universidade perder a sua identidade. A universidade foi fundada como uma instituição que daria aos científicos um conhecimento que faltava no mundo. A universidade abandonando o humanismo perderá sua utilidade da mesma forma que a tecnologia conduzida sem considerar a intenção de seu uso ficaria ao desserviço da humanidade. A tarefa de ajustes faz-se necessária como uma busca unitária de dois avanços. A lentidão do investimento em humanidades e a aceleração da pesquisa em tecnologia se afastam perigosamente na direção da eliminação da espécie, criou-se uma competição entre os humanos e os híbridos.

TRANSHUMANISMO E HUMANISMO

A desqualificação dos valores e a idealização de uma determinada forma auto intitulada cultura fraturaram as relações e os ideais de futuro das crianças e adolescentes. Será o início do fim da espécie a vitória do transhumanismo sobre o humanismo.



TRÊS TEMPOS

O conhecimento perdido nunca poderá ser avaliado pelo presente, assim sendo não alcança entender o futuro e o passado. São tempos com representações próprias incompatíveis entre si, são três realidades com percepções e emoções singulares. Três idiomas, três identidades, três modos de perceber o mundo. Tomado em si mesmo, não é possível refletir de modo harmônico o mundo que foi, que é e com o que se tornará. Sendo prudente manter uma grande dose de autonomia. Toda vez que se apresenta algum tempo fora da sua realidade ele será falso, enxertado de características do presente.

MISSÕES JESUITAS E GUARANIS I

Na redução de Nossa Senhora de Loreto ficou na história da América Latina por um aporte fundamental à cultura da região. Em seu interior funcionou uma das primeiras impressoras. A cultura era um pilar fundamental para o projeto jesuíta. Por isso os missionários decidiram pedir uma prensa desde Europa, porém os pedidos não foram escutados. Então os padres Juan Bautista Neumann, José Serrano e Segismundo Aperger usaram as madeiras missionárias e o estanho para construir uma. A tinta a obtiveram da erva mate.



MISSÕES JESUITAS E GUARANIS II

As obras foram impressas em latim e em guarani e a maioria contava com belas lâminas e vinhetas gravadas por artistas anônimos guaranis. Os dois exemplares -considerados como os primeiros feitos na Argentina, saíram dela. Foram Martirologia Romano, em 1700, e

A Diferença entre o temporal e o eterno, em 1705, do padre Eusebio Nierember que estava traduzido ao guarani e ilustrado com belíssimas vinhetas. Além disso, aí se editaram livros de efemérides, calendários, tábuas astronômicas, obras sobre a Piedade e até algumas obras escritas pelos próprios guaranis como as de Nicolas Yaguguay. A redução também contava com uma biblioteca própria que alcançou a ter mais de 315 exemplares para consultar. Dos livros nada resta.



FRANCISCO XAVIER

Francisco Xavier principal impulsor da ordem dos jesuítas, em uma das suas cartas colocou os linhamentos para aqueles missionários que viajaram à América. Nela explicava que os aborígenes: “É gente a que só por amor se pode chegar e não entreis com rigores com eles(...) Muito os rogo que com esta gente os porteis como se porta um bom pai com seus filhos maus e não os canseis por muitos males que veais”. Segundo entendia Xavier,

um missioneiro deveria ser afável e aprazível com o que conversa “e não rigoroso, usando todos os modos que possa para fazer-se amar, principalmente os que há de mandar, assim naturais índios como os da Companhia que aqui estão e haverão de vir”.



SONHOS E DESTINO

Os sonhos influíam na realidade. Os guaranis os acreditavam reveladores, sobretudo se eram dos feiticeiros. Além disso, acreditavam que a morte era o passo que levava à outra vida. Esta crença se viu refletida em vários achados arqueológicos. Nas tumbas se encontraram vasilhas de barro, chamadas yapeló, que simbolizavam o útero do qual nasceria a alma do morto em trânsito para a vida eterna.

ESPIRITUALIDADE

Os mortos são postos em urnas de barro para deixar mais acomodada a alma. Esta profunda espiritualidade, junto a linguagem, constituía a essência do povo guarani. A língua expressava beleza em suas histórias, em suas canções e em suas orações. A religião regia a vida privada e social e até guiava los deslocamentos. Para os guaranis a palavra era parte da alma, lo que provocava um valor da linguagem como forma de comunicar-se entre os homens e, por sobre todas as coisas, com as divindades. As palavras belas, poéticas e carregadas de metáforas eram inspiradas pelos “os que vivem acima de nós”. Portanto, a linguagem não servia só para comunicar-se entre eles, mas também como um meio para chegar à Divindade”.

LEÓN CADOGAN – ETNÓLOGO

Nos afirma esse autor que o guarani é uma língua “mais para o canto e o discurso que para a comunicação cotidiana, pois foi elaborada por homens que têm consciência da origem divina da palavra.



UMA CULTURA DE EXTERMÍNIO

As promessas guardadas em palavras, não estavam nas tumbas, enterradas em ataúdes, em testamentos, eram relíquias provando devoção histórica com aqueles que lhes deram a vida. Propor a erradicação deste vínculo histórico será a morte da identidade da espécie humana. Esvaziar o sentido da vida mediante banalizações culturais é uma forma de memoricídio – o extermínio da memória. Esta cultura de extermínio leva a uma afronta a paleontologia, a arqueologia, a história, a biologia, a psicanálise, a medicina, a filosofia, a bioastronomia, a entomologia, a etologia, ao estudo das espécies animais e vegetais.

SANTO AGOSTINHO – LES CONFESIONS

“...a luz dos meus olhos não estava comigo; porque ela estava dentro, enquanto que eu estava fora; ela não ocupava lugar, e eu tinha fixo um olhar nas coisas que ocupam um lugar, e não achava nelas lugar onde repousar; nem me acolhiam de forma que pudesse dizer: “é suficiente, estou bem”.



CARTA SOBRE A FELICIDADE (A MENECEU) EPICURO

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos.

AMIZADE (ARISTÓTELES)

Em sua *Ética a Nicómano* se pergunta como pode o indivíduo chegar a ser feliz em sua relação como o meio e consigo. O homem virtuoso se o reconhece por estar de acordo consigo mesmo tenderão a travar amizade com outros semelhantes e pouco a pouco o círculo se dilatará e criará uma sociedade de cidadãos coincidentes no pensar, sentir e trabalhar, onde florescerá a concórdia, esta é a harmonia entre cidadãos cujo coração obedece a lei da amizade. Se esta lei se converte em costume da maioria social, surgiria a República da Amizade, edificada sobre o respeito mútuo e uma predileção tão bem educada que não necessita da compulsão da lei jurídica. Nesta república ideal, cuja perfeição não fica desmentida por sua inexistência, o homem não seria lobo para o homem, senão amigo.

MÁXIMA CAPITAL EPICURO

Dos bens que a sabedoria procura para a felicidade de uma vida inteira, o maior com muito é a aquisição da amizade. (Esta máxima é atribuída a Epicuro). O filósofo grego pôs um acento no aspecto meramente felicitário e prazeroso da amizade. Concebia o homem como um átomo solto que vagueia entre dois males: o isolamento e a cidade. Para remédio dos perigos da solidão, fundou um Jardim, uma sociedade de amigos atados pelos laços da predileção mútua e os interesses compartilhados. Porém, por outro lado, teve os cuidados de estabelecer fora de Atenas, longe dos negócios da cidade, pois um de seus limites foi a de pôr a amizade acima da justiça (lei da polis)...movido por convicção, por elegância, entendida como o imperativo de eleger com tato, oportunidade e gosto, ou seja, fazer um uso inteligente e decoroso da liberdade, aquele que instrui seu coração de maneira tal que sente uma inclinação natural por uma sociabilidade civilizada sem expectativa de prêmio e uma repugnância paralela pelos comportamentos não cívicos sem temor ao castigo, e obra o correto em cada caso, inclusive quando ninguém o observa, sem a meta da retribuição, só pelo respeito devido a si mesmo e a sua dignidade. O

exercício da amizade, que ensina hábitos de uma socialização não coercitiva, se nos parece agora como a melhor escola de uma cidadania democrática.



LINGUAGEM (Javier Lanzón)

A linguagem obedece a um código social pois, pensamos e nos comunicamos por meio de uma combinação por meio da combinação regulada das palavras. Quem deseje pensar ou comunicar-se haverá de conhecer e aplicar as leis da gramática inventados pela sociedade.

Durante o primeiro Romantismo, toda convenção era condenada como potencialmente alienante em tanto que restritiva do gênio da liberdade individual. Porém eis que o uso normal das regras gramaticais, ainda sendo uma dessas convenções sociais, antes que alienar o seu usuário, o libera da servilidade da ignorância e o eleva à condição de ser humano racional.

Ser homem civilizado hoje é, principalmente, eleger a forma da autolimitação.

CICERO E A VIRTUDE

Cicero diferia a virtude, da reputação da virtude: ..muita gente existe que timbra mais em parecer virtuoso do que em sê-lo. Estes amam a lisonja: quando se lhes dirigem palavras de louvor, do alto de sua vaidade eles tomam essas frases mentirosas por um brilhante testemunho de seus méritos. Não há portanto, amizade entre dois homens dos quais um não quer ouvir a verdade e o outro está sempre disposto a mentir.



OS DEMÔNIOS

Em 1589, Peter Binsfeld associou cada um dos pecados capitais com seus respectivos demônios seguindo os significados mais usados. De acordo com Binsfeld's Classification of Demons, esta comparação segue o esquema:

Asmodeus - Luxúria
Belzebu - Gula

Mamon - Ganância
Belphegor - Preguiça
Azazel - Ira
Leviatã - Inveja
Lúcifer – Soberba



AS SETE VIRTUDES HUMANAS

Para cada um dos 7 pecados, também tem uma virtude oposta a ele, que são:

Soberba – Humildade

Avareza – Caridade

Luxúria – Castidade

Inveja – Bondade

Gula – Temperança

Ira – Paciência

Preguiça – Diligência

O LIVRO DAS MISSÕES 1940 - JOSÉ ORTEGA Y GASSET

...é um erro supor que as nações são grandes para sua escola – elementar, secundária e superior – é boa. Isto é um resíduo da beateria “idealista” do século passado. Atribui à escola uma força que não tem nem pode ter.

Aquele

Século, para entusiasmar-se e ainda estimar profundamente algo, necessitava exagera-lo, mitologiza-lo.

Certamente, quando uma nação é grande é boa também sua escola. Não há nação grande se sua escola não é boa. Porém o mesmo deve dizer-se de sua religião, de sua política, de sua economia e de mil coisas mais. A fortaleza de uma nação se produz integralmente. Se um povo é politicamente vil, é vão esperar nada da escola mais perfeita. Só cabe então a escola de minorias, que vivem aparte e contra o resto do país. Acaso um dia os educandos nesta influam na vida total do seu país e através de sua totalidade consigam que a escola nacional (e não a excepcional) seja boa.

“Princípio de educação: a escola, como instituição normal de um país, depende muito mais do ar público e que integralmente flutua que do ar pedagógico artificialmente

produzido dentro de seus muros. Só quando há equação entre a pressão de um e outro ar a escola é boa.”

“A escassez, a limitação na capacidade de aprender, é o princípio da instrução. Há que preocupar-se de ensinar exatamente na medida em que não se pode aprender.”

“O livro, ao objetivar a memória, materializando-a, o faz, em princípio, ilimitada e põe os dizeres dos séculos à disposição de o todo do mundo”.

“O livro pois, é dizer exemplar que, pelo mesmo, leva em si essencialmente o requerimento de ser escrito, já que ao ficar escrito, fixado, é como se virtualmente uma voz anônima o estivesse dizendo sempre, ao modo que os “moinhos de orações”, no Tibet, encargam ao vento de rezar perpetuamente. Este é o primeiro momento do livro como autêntica função vivente que está, em potência, dizendo sempre o que há que dizer.”

“Quando se lê muito e pensa pouco, o livro é um instrumento terrivelmente eficaz para a falsificação da vida humana: “confiando os humanos no escrito, crerão fazer-se cargo das ideias, sendo assim que as tomam por

de fora, graças a sinais externos y não desde dentro, por si mesmos...Atestados de supostos conhecimentos, que não adquiriram de verdade, se crerão aptos para julgar de tudo, quando, em rigor, não sabem nada, e, além disso, serão intragáveis porque, em vez de sábios, como se supõe, serão só carregamentos de frases; 275 a.C Assim Platão faz vinte e três séculos.



POR DETRÁS DO OTIMISMO

Escondo-me por detrás do otimismo. Escrever depois de uma pandemia, bombardeados, condenados por radicalismos, esse terrível momento dramático remete a ver de frente a morte, a vulnerabilidade, a arrogância e a derrota da finitude. No sou suficientemente eufórico para festejar o ocorrido como uma promessa de um futuro mais extraordinário e a oportunidade da humanidade sem maiores esforços e elaborações recuperar a humanização em sua plenitude e o egoísmo civilizado abrirá as portas ao altruísmo e eliminará o vício do triunfo.

O INDOMÁVEL TEMPO

Não dominei o tempo, sempre que pensei nele não acertei a previsão, não morri nas várias vezes que a morte andou por perto, não morri com as ameaças próprias e alheias, vacinado contra as pragas, o tempo não curou as doenças, nem meu vizinho corrupto ficou culpado, não dominei o tempo de vida das crianças abortadas, nem ver o tempo da Palestina ter recuperada suas terras usurpadas. Ver o mundo com menos injustiças, ver o projeto da humanidade terminado, realizado, instalada a paz e o respeito de um aos outros.



EVITO SENTENÇAS

Vivo como a consciência me dita que o faça. Evito sentenças tampouco provoco vereditos. Evito os onipotentes que com tão pouco decidem tanto, respondem sem perguntar, definem resolvidos com a cara limpa e a pretensão de serem proprietários da verdade. Seus nariz-

es só conhecem a posição vertical, acostumados à arrogância são surdos aos protestos, sempre terão pretextos, negativas e mentiras. Vivem com o espírito indisposto a ouvirem revisões, incrédulos se habituam à tentação de ser deus, convictos da sua eleição cultivam calos no coração e impunidades no erro. Julgam diferentes a ricos e pobres, sobram em consideração nas trocas de favores com aqueles que não se recusam a pagar por seus serviços. Inabaláveis com as dores dos humanos pouco acreditam na inocência.



COISAS QUE PASSAM E FICAM

Desejo encontrar um sentir que está dentro da pele, no olhar que busca, em cada renascer, na revolução, no encontro, no reencontro, na calma, no amor ofertado, no abraço retribuído, no silêncio que abriga, no afeto lareiro, nas ofertas aceitas, na insistência que se reinaugura, nas coisas que passam e ficam.

COMPOR

Espero o instante de reunir os elementos e compor uma memória da ternura estampada. Vivo aos pedaços, invento lembranças. Tenho uma mania de romper o silêncio, evidenciando meu despreparo para incluí-lo como meu interesse. Surpreendo-me quando percebo que muitos dos meus erros nasceram desta desatenção.



VEJO

Vejo pelos corredores, calçadas, terraços, homens, mulheres, velhos, crianças, numa crônica súplica em busca de remédios para suas escondidas falências, por falta de abraços, de afagos, vivendo a vida pelo avesso, decretando perigos a cada nova lua. E cada vez que tentam, voltam mais vencidos.

LIMITADO

Esfumou-se a ideia do homem cujo cérebro pode abarcar a existência. Nisso não posso crer. Só posso conhecer uma parte insignificante do mundo em que vivo. Por muito que me esforce, por muita que seja minha curiosidade, estou limitado a fazer-me mais ignorante a cada dia que passa.



CAOS E IMPUNIDADE

Busco uma alternativa que não seja conformista, uma resposta singular que me afaste da servidão, não aceito celebrar a ignorância que se alimenta da arte do vazio, das ficções, dos espetáculos animadores da dependência do consumismo. Esta existência me é estranha, renova as dores, os vazios, o futuro sombrio. A vida se torna pesada, um caos fundado na impunidade.

PODERES APETECIDOS

Poderes apetevidos não são suficientemente incentivados para dar-nos nada mais além do que pequenos êxitos. Assim sendo, apenas minúsculas inovações são alcançadas onde habitualmente se confia no ilimitado.



MESMAS CONVICÇÕES

Confirmado nas mesmas convicções de sempre, sigo o curso da vida, tento aceitar as instabilidades que mudam caminhos, desacertam rumos, indicam precárias saídas.

MINHA TRISTEZA

Posei minha tristeza na mesa com um livro aberto, as palavras aprisionadas em cada página traziam memórias de antigos vícios, de repente transitando para o presente na minha direção restos diluídos que ainda me fazem chorar, ressuscitam emoções abandonadas.



O SOSSEGO

O sossego absolveu-me algumas dores, guarneci as labaredas, serenas brasas amontoadas sustentaram ampliar amenidades. Como forma de acolher algumas alegrias, afastei, converti as amarguras em distantes incômodos. Anonimei poderes assegurando-me um carinho na solidão escolhida.

UM SUSPIRO

Um suspiro que brota da alma parece chegar ao fundo e ao principal. Nega-se a aceitar sua supressão e, alterando as regras do silêncio muda hábitos e pareceres.



ENSAIOS GERAIS

Os ensaios gerais tendem a pré julgar as culturas aonde serão aplicados, assim ignoram tudo o que um pré conceito leva consigo. Avaliar os problemas locais em cada contexto é o que permitirá analisar a ética cultural que rege cada lugar. A própria suposição de que a centralização e a globalização sejam fenômenos indiscutivelmente instalados e incorporados em cada sociedade nega as realizações e os êxitos locais, isto já será exaltar uma imposição cultural.



Roberto Curi Hallal

